

27a Bienal de São Paulo: Como Viver Junto

Entrevista publicada no catálogo do evento em outubro de 2006.

- Por que esta predileção em personagens à margem da sociedade? Ermitão ou andarilhos, ambos parecem estar fugindo de alguma coisa. E teus filmes reafirmam estas opções em relação a uma certa insustentabilidade do viver-junto.

Sempre desconfiei de uma visão positivista do mundo, ordenada e esquematizada segundo regras que pretensiosamente delimitam as potencialidades do ser humano. Não que não devam haver regras na vida em sociedade, mas estas regras não podem ser inibidoras das particularidades de cada indivíduo nem entabular categorias como as do bem e do mal, instituindo conceitos e pre-conceitos generalizantes e profundamente relacionados a uma noção perversa de poder.

A maioria dos seres humanos tem a tendência de se acomodar no lugar-comum ditado pelos diversos sistemas de poder. E uma coisa que me entedia profundamente é o lugar-comum.

Meu trabalho está muito pautado em uma observação permanente de situações, personagens e atitudes que se distanciam deste lugar-comum.

E note que este distanciar não é um movimento racional, pensado, programado, mas fruto de uma situação de necessidade.

Meus heróis são trágicos, não necessariamente românticos.

Existe uma necessidade de redimensionamento da vida que me encanta, no eremita Dominginhos, no andarilho Waldemar, como também em Rimbaud ou Dostoiévski, Raskólnikov ou Riobaldo.

A experiência de novas formas do viver, promovidas pela necessidade (consciente ou não), se não trás algumas respostas, promove sempre novas perguntas. E a vida sempre foi uma consecução de perguntas.

Eremitas e andarilhos não estão fugindo de alguma coisa. Melhor pensar que estão em busca de alguma coisa. Nós é que pensamos mecanicamente que eles estão fugindo de alguma coisa. Se estão fugindo, estão fugindo do que pensamos sobre eles, ou do que

desejamos deles, ou do que delimitamos para eles. Melhor pensar que não existam nem nós nem eles, que somos todos também andarilhos e eremitas buscando e fugindo sempre de uma mesma coisa – o amor.

Acho que a questão do viver-junto deve ser balizada pelo seu contraponto (aliás, único lugar-comum possível): estamos todos condenados a morrer-sozinhos.

E vivemos numa sociedade que faz de tudo para mascarar este fato. O inconsciente coletivo tem medo da morte. O inconsciente coletivo tem medo deste lugar, comum a todos nós.

E o viver-junto se sustenta muito mais por esta cumplicidade no medo do que pela sincera curiosidade pelo outro, pelo espaço dialético que se forma quando nos confrontamos com o outro. Mas o outro não é o seu igual e sim, o seu diferente, aquele que vai colocar suas certezas em risco. Viver-junto é um sutil movimento interno do ser, quando sentimos um leve deslocamento de um iceberg dentro de nós. Este movimento tectônico é saber viver-junto como também saber morrer-sozinho.